

APRESENTAÇÃO: SABERES HEGEMÔNICOS E CONTRA-HEGEMÔNICOS EM CONTEXTOS LATINO-AMERICANOS DE (DE)COLONIALIDADE

SERGIO BAPTISTA DA SILVA
Editor

A edição do presente número (v. 11, n. 2, 2017) comemora 10 anos de aparição da **Espaço Ameríndio** no cenário editorial acadêmico brasileiro. Ao longo desse período, cumprindo os objetivos iniciais da revista, dedicamo-nos à publicação de materiais orientados exclusivamente à análise e compreensão da temática ameríndia de um modo pluri, inter e transdisciplinar.

Dando continuidade a essa tradição, este número reúne um significativo conjunto de artigos que, apesar de sua heterogeneidade e além de acentuar essa característica de nossa política editorial, apresenta e discute problemáticas que podem ser incluídas em três eixos temáticos e analíticos, não totalmente distintos, de apresentação e de discussão de seus objetos, que estabelecem, mesmo que de forma implícita, uma contínua conexão e interlocução entre si. Assim, como modo de apresentação deste número que celebra uma década de **Espaço Ameríndio**, identificamos três modos de apresentar e tratar os problemas propostos, que são, ao mesmo tempo, blocos temáticos e formas analíticas de compreensão.

O primeiro destes eixos temático-analíticos aglutina uma série de artigos nos quais o estudo se concentra na compreensão de saberes tradicionais, entendidos como conhecimentos contra-hegemônicos, fazendo face a epistemologias ditas ocidentais, modernas, urbanas. Neste conjunto de textos, esses saberes são trazidos à luz e à discussão a partir das etnografias realizadas por seus autores.

O segundo eixo temático-analítico agrupa artigos que, a partir de saberes científicos analiticamente embasados em conceitos de campos

como a Antropologia, a Saúde Pública e a área de Letras e Literatura, sem deles se tornarem reféns, apresentam e analisam questões que refletem sobre temas ligados à educação intercultural, a representações midiáticas sobre a mulher indígena e à saúde pública.

O terceiro e último eixo diz respeito aos artigos que abordam as trajetórias, os pensamentos e as ações de lideranças indígenas no sul do Brasil, desde o ponto de vista de seus protagonismos e a partir de suas agências cosmopolíticas. Esse eixo se aproxima fortemente dos estudos sobre decolonialidade e cosmo-ontologias ameríndias.

Originalmente, os três artigos desse eixo, que ora publicamos, fazem parte de uma coletânea organizada por Maria Paula Prates e Luiz Fernando Caldas Fagundes, cujo objetivo é o de trazer à luz os relatos e as trajetórias de algumas das inúmeras e importantes lideranças ameríndias do Brasil Meridional. Lamentável e momentaneamente, devido ao cenário atual em relação ao mercado editorial de livros em nosso país, não foi possível levar adiante tal projeto na sua concepção primeira.

Com o sentido de contribuir para a não retenção dessa produção, escrita de forma colaborativa e/ou por antropólogos e antropólogas que fizeram ou vêm fazendo uma interlocução com tais líderes, a revista **Espaço Ameríndio** publicará neste e nos seus próximos dois números os artigos que, futuramente, aparecerão em forma de coletânea.

Assim sendo, apesar de sua heterogeneidade, os artigos ora publicados neste número comemorativo aos 10 anos de **Espaço Ameríndio** têm em comum o fato de focar, discutir e analisar saberes hegemônico e contra-hegemônicos, contribuindo para a compreensão de processos e mecanismos de colonialidade que incidem e persistem sobre os coletivos indígenas latino-americanos, além de etnografar práticas de resistência e apontar estratégias de ruptura em relação à colonialidade.

Nesse sentido, apresentamos primeiramente os artigos que incorporamos ao eixo cuja temática e foco de análise se concentra na compreensão de saberes tradicionais, entendidos como conhecimentos contra-hegemônicos, fazendo face a epistemologias ditas ocidentais, modernas, urbanas.

Mauricio Caviedes, da Pontificia Universidad Javeriana, em *É possível fazer etnografia das escolas? O caso da fronteira amazônica Brasil-Colômbia e os povos Ticuna e Murui-Muina*, a partir de seu projeto

de pesquisa de pós-doutorado desenvolvido no Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT-UFRGS) e realizado na Amazônia colombiana e brasileira, utiliza entrevistas com professores, crianças e lideranças indígenas objetivando compreender, através do estudo antropológico da linguagem, as experiências que influenciam a identidade indígena e a relação desta com a identidade de gênero no contexto do ensino escolar, tendo como pano de fundo uma pertinente reflexão sobre a desigualdade entre saberes universais e científicos e os saberes ameríndios.

Em *Etnografia da técnica — a produção de cerâmica andina*, Danielle Araújo, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, a partir de entrevistas e de uma detalhada observação e vivência de práticas e técnicas relacionadas à produção de objetos de cerâmica em Pucará, Peru, e levando em conta uma abordagem que vai para além do formal e do material, nos apresenta e discute os saberes específicos envolvidos nessas atividades, que interconectam a cosmologia pucarenha, suas lógicas de produção e a relacionalidade entre humanos e extra-humanos que opera nessas técnicas e nesse sistema de produção.

Por sua vez, no artigo intitulado *Mapas em movimento: os (des) caminhos de uma prática cartográfica junto aos Potiguara*, Thiago Mota Cardoso, da Universidade Federal da Bahia, Lilian Bulbarelli Parra e Isabel Fróes Modercin, ambas da Wayuri Assessoria e Projetos Socioambientais, analisam criticamente um processo de etnomapeamento, no litoral norte da Paraíba, junto a esse coletivo indígena, realizando uma etnografia dos mapas e de sua produção através de técnicas participativas, construídas simetricamente em relação aos saberes potiguara. Nesse sentido, os autores repensam os mapas, refletindo sobre a captura dos mesmos pelos Potiguara, que reorientaram o processo de etnomapeamento.

Vladimir Bertapeli, da Universidade Estadual Paulista, em *Primeiras notas sobre a relação entre indígenas e o Serviço de Proteção aos Índios no litoral paulista (1923-1967)*, analisa a atuação do antigo órgão indigenista nessa região através da leitura dos documentos e fontes da época e de narrativas de indígenas idosos que vivenciaram a ação de controle exercida pelo SPI, hoje moradores das atuais aldeias da região. Nesse sentido, Bertapeli realiza uma etnografia histórica e crítica daquelas fontes, tendo também por base as narrativas ameríndias. Essa

metodologia, ao interconectar documentos escritos e narrativas orais, possibilita levar em conta os pontos de vista e os saberes indígenas frente aos saberes hegemônicos.

No artigo *O significado da sociocosmologia nas histórias dos kofa ag: o mundo e a vida kaingang*, Cíntia Márcia da Silva Guisso e Lúcia Teresinha Marchiori dos Santos Bernardi, ambas da Universidade Comunitária da Região de Chapecó, abordam o tema da educação indígena tendo como foco a sabedoria dos anciãos Kaingang da Terra Indígena Xapecó, no oeste de Santa Catarina, expressa em suas narrativas, que reproduzem e atualizam aspectos e conceitos de sua sociocosmologia. Sendo a primeira autora do texto Kaingang, ela qualifica sua pesquisa como autoetnográfica, compreendendo o termo na sua acepção de “uma investigação na qual uma indígena torna-se autora de estudo sobre seu próprio povo Kaingang, na perspectiva da própria comunidade”.

Alzira Lobo Arruda Campos, Marília Chizzi Gomes Godoy, ambas da Universidade de Santo Amaro, e Raimunda Maria Rodrigues Santos, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, no artigo cujo título é *Imaginário e representações míticas: as belas palavras (ayvu porã) dos cantos divinos (mborai) Guarani Mbya*, abordam os discursos poéticos, os conteúdos sagrados e as visões de mundo neles contidos através da análise de CD's publicados por alguns grupos Mbya de cantos e danças. Assim, as autoras percorrem os “domínios do som e de seus sentidos míticos”, revelados pelas belas palavras, concebidas pelos Mbya como integrantes do belo saber (*arandu porã*) e relacionadas aos seus deuses e a suas passagens pela terra imperfeita.

Em *Pajé, conhecimento cultural e terminologia de plantas medicinais em parkatêjê*, as autoras, Jaqueline de Andrade Reis e Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira, ambas da Universidade Federal do Pará, estudam e registram em um glossário a terminologia de plantas medicinais dos Parkatêjê da Terra Indígena Mãe Maria, no sudeste do estado do Pará, baseadas nas abordagens teórico-metodológicas da Socioterminologia e da Terminologia Cultural e a partir de uma posição de engajamento relacionada ao fortalecimento e à preservação dos saberes culturais e linguísticos vinculados ao sistema xamânico parkatêjê.

Finalizando a apresentação dos artigos desse eixo temático-analítico relacionado à compreensão de saberes tradicionais, Renata Maria Guerreiro Fontoura Costa Vaz e Luiz Antonio Norder, ambos da Universidade Federal de São Carlos, em seu texto intitulado *A gestão de projetos agroambientais no Programa Carteira Indígena na baixada santista (SP)*, analisam as leituras e percepções dos atores sociais envolvidos na implementação de tais ações nas Terras Indígenas Itaóca e Piaçaguera, objetivando contribuir para a efetiva gestão compartilhada dessas políticas públicas relacionadas à sustentabilidade territorial de coletivos indígenas.

Nesta parte de nosso texto introdutório, segue a apresentação dos artigos agrupados no segundo eixo. Nele, a ênfase dos autores concentra-se em compreender, a partir de saberes científicos embasados em conceitos de campos como a Antropologia, a Saúde Pública e a área de Letras e Literatura, mas sem deles se tornarem prisioneiros, problemáticas vinculadas à educação intercultural, a representações midiáticas sobre a mulher indígena e à saúde pública.

Lígia Duque Platero, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em *Hegemonia e os programas de educação indígena no México e no Brasil (1940 - 1970)*, apresenta e discute dados relacionados aos programas nacionais de educação escolar indígena empreendidos pelos estados nacionais Brasil e México, a partir de seus órgãos indigenistas, respectivamente, o Instituto Nacional Indigenista e o Serviço de Proteção ao Índios e seu sucessor, no período compreendido entre os anos de 1940 e 1970, analisando a influência desses programas nos processos de formação de hegemonia desses estados nacionais entre os povos indígenas. Duque Platero igualmente argumenta que sua abordagem sobre a formação da hegemonia é “geral e abrangente”, mas destaca a “importância de se pensar essa questão em complementaridade com estudos etnográficos que tragam à tona as particularidades das relações entre os povos indígenas e a sociedade nacional”. Ademais, ao longo de seu artigo, a autora discute as semelhanças e diferenças entre os programas analisados.

Por sua vez, em *Gênero e raça em cena: análise comparatista da representação da mulher indígena na minissérie a Muralha e na telenovela Uga-Uga*, Aquésia Maciel Góes, da Universidade Federal da Integração

Latino-Americana, ao descrever e analisar como a mulher indígena foi representada nessas duas produções televisivas, põe em evidência a colonialidade de gênero presente na televisão brasileira, refletindo sobre os mecanismos de estereotipização e subalternização nela atuantes.

O último artigo desse eixo temático-analítico é o de Thayse Macedo dos Santos Lima, Marcella Gomez Pereira e Artur Gomes Dias Lima, todos da Universidade do Estado da Bahia, intitulado *Estado da arte sobre enteroparasitos em comunidades indígenas do Brasil*, no qual os autores concretizam uma revisão da literatura especializada sobre o assunto. A premissa dos autores está ancorada na constatação de que “a organização da estrutura básica para atendimento à saúde de povos indígenas no Brasil reflete os infortúnios da trajetória histórica destes sujeitos”, revelando um marcado contexto de desigualdades sociais em saúde. A pesquisa aponta para uma escassez de estudos sobre a temática, especialmente em algumas regiões do país, e para a necessidade da ampliação das pesquisas sobre as enteroparasitoses, visando à definição de um perfil epidemiológico e à discussão e adoção de futuras políticas públicas de prevenção e atenção à saúde indígena.

Por fim, apresentamos os artigos relacionados ao terceiro e último eixo temático-analítico, que diz respeito aos artigos que abordam as trajetórias, os pensamentos e as ações de lideranças indígenas no sul do Brasil, desde o ponto de vista de seus protagonismos e a partir de suas agências cosmopolíticas. Esse eixo se aproxima fortemente dos estudos decoloniais e sobre cosmo-ontologias ameríndias.

O primeiro deles é o texto *Rastrear perceptos dos Mbyá-Guarani na etnografia de caminhada do mburuvixá José Cirilo Pires Morinico: cosmopolítica transnacional, pós-colonial e historicidade originária na região platina do III milênio*, de José Otávio Catafesto de Souza, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nele, o autor “recupera parte da trajetória de vida do ‘cacique geral’ Mbyá José Cirilo”, evidenciando, através dele, a “alteridade radical dos Mbyá-Guarani”. O autor, ancorado em sua longa convivência e relação com essa liderança política, apresenta-nos suas multivariadas e nuançadas faces — por exemplo, do “respeito ao *Tekó Porã* (Belo Viver), [...] à tradição dos mais velhos, velhas e das lideranças espirituais (Karai Kuery e Kunhã-Karai Kuery), verdadeiro articulador étnico, agente intercultural e mediador capaz de ‘sensibilizar

o coração dos brancos [...] e adaptar as políticas indigenistas desde ‘costuras’ interinstitucionais que se efetivam em ações políticas concretas afinadas ao holismo do *Mbyá-Rekô*”. No seu texto, Catafesto de Souza igualmente descreve a participação do aguerrido cacique José Cirilo no processo de autodemarcação da Terra Indígena do Campo Molhado, em 1994, e na recente retomada da aldeia *Tekoa Ka’a Guy Porã*, em Maquiné, ambas no Rio Grande do Sul.

Em *Minha missão no mundo*, Herbert Walter Hermann, Iracema Ga Rã Nascimento, Clémentine Maréchal e Audissea Kapri Nascimento Padilha, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresentam a liderança e *kujà* (xamã) Kaingang Iracema Nascimento, a partir dela própria, de sua filha, Audissea Kapri, e da expressão das intensas e colaborativas relações que os antropólogos Herbert e Clémentine vêm entretecendo com Iracema e seu coletivo. Portanto, nesse texto, que é colaborativo e foi inspirado em outros projetos que os autores consideram “manifestos cosmopolíticos” (referindo-se especificamente ao xamã Davi Kopenawa e ao antropólogo Bruce Albert), temos o (des)encontro entre dois etnólogos e duas mulheres Kaingang: uma, xamã e liderança política; a outra, indígena estudante universitária. Segundo os autores, sua produção textual objetiva “a restituição de histórias silenciadas, subjetividades reprimidas, linguagens e conhecimentos subalternizados, marcas indeléveis da ideia de totalidade e da hegemonia nomeada da modernidade e da racionalidade [...], figura significativa da colonialidade do poder”.

Finalizando a apresentação dos artigos deste terceiro e último eixo temático-analítico, temos o texto de Rogério Reus Gonçalves da Rosa, da Universidade Federal de Pelotas, sobre *O kujà Jorge Kagnãg Garcia: o xamanismo, a sua vida e o estado de espírito Kaingang*. Nele, Rosa discorre sobre sua intensa relação com o nonagenário xamã, seu interlocutor, cuja atuação transcende a liderança espiritual, tendo participado de inúmeros documentários e CD’s. Igualmente, seu protagonismo nos “encontros de *kujà*”, acontecidos nos últimos anos na aldeia *ÿmã Topë Pën* (Morro do Osso, Porto Alegre), e no Dia do Índio, na aldeia *Por Fi Gá* (São Leopoldo), é notório. Jorge, da patrimetade *kamë* e cujos *jagrë ag* (guias espirituais) são a onça e São Jorge, igualmente tem atuação no Programa Saberes Indígenas na Escola, núcleo UFRGS, em que

desempenha importante papel como pesquisador e mestre indígena. Por tudo isto, o *kujà* Jorge Garcia tem se tornado uma referência fundamental no que diz respeito aos saberes kaingang e ao seu protagonismo cosmopolítico em múltiplas frentes contra a colonialidade.

Na seção de Resenhas, temos ainda o trabalho de Evandro de Sousa Bonfim, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, que trata da obra de Anthony Seeger, *Por que cantam os Kisêdjê?*, essencial para a etnomusicologia e para a etnologia indígena, recentemente publicada em língua portuguesa pela Cosac&Naify.

Apresentamos, por último, a capa deste número comemorativo aos dez anos de **Espaço Ameríndio**. Trata-se da obra *O estado transitório das coisas*, criada pelo artista indígena Macuxi Jaider Esbell, feita com pincel posca sobre papel canson preto.

Segundo Jaider, em comunicação pessoal, essa gravura teve como inspiração “Makunaíma, o grande mito Makuxi [que] é um exímio transformador. A sua natureza é transformar, e a transformação é um processo amplo, inclusive físico. Numa série de trabalhos, eu apresento essa proposta de representação. Mostrar os processos de transição entre estados das coisas é uma das minhas abordagens ao tema com arte. A cobra que vira peixe, ou o peixe que vira outro ser sem classificação”.

A presença de Jaider Esbell na capa deste número comemorativo de **Espaço Ameríndio** é uma maneira de homenagear, através de sua pessoa, de sua obra e de seu arteativismo, todos os ameríndios latino-americanos que vivenciaram e vivenciam as violências e as sutilezas perversas do colonialismo e da colonialidade. Em sua visita ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social e ao Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em março deste ano, o artista plástico, escritor e produtor cultural falou-nos da força da arte como transformadora de pessoas e da articulação dos intelectuais indígenas em redes sociais, criando grupos de estudo e de discussão sobre questões ligadas à tradição, às políticas públicas, à transnacionalidade, às especificidades das etnias e suas demandas.

Também nessa ocasião, Jaider contou-nos sobre o seu modo de fazer arte indígena na contemporaneidade: a importância do traço, do diálogo com as cores, do equilíbrio, da memória ancestral e dos

exercícios práticos da espiritualidade macuxi. Falou-nos igualmente sobre a forte presença do xamanismo no seu trabalho e sobre sua “itinerância” no mundo não indígena como uma maneira de fortalecimento de sua formação: “caminhar para fora e voltar para a aldeia”.

Com Jaider Esbell e sua obra, temos a expressão de uma cosmovisão indígena lado a lado com uma arte contemporânea, de galeria, ligada ao artista como agente e com um trabalho autoral, mas, ao mesmo tempo, mergulhado nos saberes, nas tradições, nas lógicas e nas filosofias ameríndias, todas expressas em uma arte plena de imagens carregadas de poderes e potências. Bem do modo indígena.
